

Candidato do PDT quer aliança com Roriz

ANA DUBEUX

Francisco Stuckert

O candidato do PDT à sucessão do GDF, o economista Paulo Timm, acha provável que o seu partido e o PP do governador Joaquim Roriz tentem costurar uma aliança em torno da candidatura de Leonel Brizola à Presidência da República. Pelas previsões do economista Roriz e Brizola devem iniciar, nos próximos dias, a temporada de negociações. Esta composição entre as duas legendas se tornou mais razoável depois que o senador Valmir Campelo começou a se aproximar do PSDB. “O Roriz perdeu o lugar para o Valmir numa eventual coligação com os tucanos e vai procurar outros caminhos”, aposta.

Paulo Timm reconhece que o PDT regional perdeu sua força no Distrito Federal e aponta o estilo centralizador do ex-presidente regional do partido, o senador Maurício Corrêa, como principal responsável pelo período recente de desestruturação vivido pela legenda. “O Maurício subjugou a militância em nome do seu personalismo”, acusa, depois de garantir que os pedetistas saberão recuperar o espaço perdido em Brasília. Confiando nos 75 mil votos conquistados por Brizola, nas eleições de 89, Timm não tem dúvidas de que o PDT pode surpreender em outubro.

Nessa entrevista ao **Jornal de Brasília**, o candidato do PDT critica o que identifica como linguagem totalitária dos petistas, reclama do comentário feito sobre “a roupagem” do PDT pelo candidato do PT ao GDF, Cristovam Buarque, e comenta sobre sua passagem pelo GDF, onde foi secretário de Meio Ambiente. “Entrei no governo para aproximar o Roriz da esquerda, mas o projeto fracassou”, reconhece. Ainda falando sobre o PT aproveita para dar uma alfinetada em Buarque: “Ele já foi brizolista, mas deve ter esquecido disso”

O PDT vai levar essa idéia de candidatura própria até o final? Com quais partidos vocês devem coligar em Brasília?

— Nós deveremos ter em Brasília um candidato do PDT que seja alinhado com o candidato à Presidência da República do partido. As alianças locais ficarão condicionadas, naturalmente, a essas composições nacionais.

Mas qual a tendência do PDT. Quais os partidos que devem apoiar a candidatura de Leonel Brizola à Presidência?

— O quadro nacional está muito turbado e indefinido. O que se sente é que os conservadores estão absolutamente convencidos de que esgotou o seu tempo, que um

“Os conservadores não têm a menor possibilidade de disputar a preferência da cidadania no DF”

novo tempo se abre na vida no ciclo da história do Brasil e que será comandado pelos progressistas, pela esquerda de uma maneira geral. O PFL já tirou o time e se compôs com o Fernando Henrique, em torno de um programa claramente conservador e neoliberal. O Paulo Maluf também retirou sua candidatura e, tudo indica, o PPR irá procurar uma articulação com partido progressista. Brizola naturalmente não está alheio a essas articulações e procura um campo de aglutinação. É balela dizer que existe uma só esquerda. Esta é uma visão sectária e totalitária. No mundo inteiro o quadro das esquerdas é diversificado e amplo.

A esquerda em Brasília vai para as eleições dividida?

— Como vai sair dividida no plano nacional e há segmentos da esquerda que acompanharão diversas campanhas, isto vai se refletir aqui. A nossa visão é que tanto em nível nacional quanto local o que está em discussão é qual o segmento da esquerda que inaugurará este novo ciclo da história do País.

O senhor criticou a formação da chamada frente anti-Lula. Ainda acha que esta idéia vai se concretizar em outubro?

— Esta idéia de que havia uma ameaça representada pelo PT ocupou, no último mês, alguns setores da vida local e era um sentimento profundamente nocivo à convivência democrática. Nós repudiamos esta idéia. Não faz o menor sentido o comportamento desta natureza. Esta idéia deve ter sido a última tentativa dos conservadores de se manterem no poder. Felizmente, esta é uma etapa ultrapassada.

O senhor ainda acha que o PT pratica uma política de partido único?

— Nós somos antigos militantes da esquerda e da luta pela redemocratização. E isto nos deu uma grande credibilidade. Assisti durante este tempo a muita intransigência e muita arrogância do PT. Tenho sentido que até vem diminuindo a inexperience dos companheiros petistas. Eles começam a entender, com dificuldade, que a sociedade é diversificada e que a natureza dos conflitos é múltipla. A gente pensa que o PT vem amadurecendo e confiamos, inclusive, que este processo, no futuro, poderá nos levar a uma reunificação do trabalhismo, inclusive, incorporando também o PTB. Mas não há dúvida de que o PT ainda é muito intransigente, ainda tem aquela linguagem de que quem não é petista não é de esquerda. Há uma linguagem totalitária e sectária no PT e isto nos preocupa.

O comentário do candidato do PT à sucessão do GDF, professor Cristovam Buarque, sobre a “roupagem” do PDT atrapalhou eventuais alianças locais entre os dois partidos?

— Não entendi quando o Cristovam falou em roupagem. A nossa roupagem sempre foi a mesma. usamos hoje a mesma roupagem que usamos na luta contra a ditadura e pela redemocratização. Um pouco mais de respeito pelo PDT seria bom. O PDT de Brasília foi o partido que primeiro se organizou na cidade e que tem quadros claramente identificados com as lutas populares. Falar desse jeito é um desrespeito. É preconceito. O Cristovam é meu amigo, é um homem de grande dignidade pessoal, que vai agora se aventurar, pela primeira vez, na política. Mas ele não conhece os requisitos que fazem a confiabilidade do quadro político. Ele deve entender que o PDT está onde sempre esteve. Já o Cristovam tem mudado um pouco: passou pelo PDT, apoiou o Brizola; hoje, está com o Lula. Há um tempo atrás, foi PMDB. De maneira que, como um intelectual inteligente, sempre aberto a idéias novas, ele tem procurado se situar, e nós respeitamos a posição de ter ido para o PT.

O candidato do PT mudou a roupagem?

— Mudou. E nós continuamos no mesmo lugar, com a roupinha puída que foi aquela que nos deixou a luta pela redemocratização.

A troca de farpas entre Brizola e Lula inviabilizou uma aliança maior?

— Esta composição está praticamente descartada. É muito cedo, no plano histórico, se pensar na recomposição das forças trabalhistas.

Por que o PDT não entrou nesta aliança do PT, PPS, PSB, PC do B, PSTU? Não foi convidado ou se recusou?

— Por uma razão simples: este é um processo que está errado na

sua origem. Claro que as conversações sempre ocorrem neste período. Nós não nos animamos nesta unificação das esquerdas porque achamos que isto é um procedimento político equivocado. Somos favoráveis, sobretudo, no momento, que cada um apareça com sua identidade própria, com seu programa. Nós achamos que a escolha não é entre o bem e o mal; entre a esquerda e a direita; é uma escolha que vai se dar no campo progressista. Os conservadores não têm a menor possibilidade de disputar a preferência da cidadania em Brasília. Eles não têm credibilidade.

O senhor inclui o governador Joaquim Roriz neste grupo?

— O governador Roriz é um homem que tem um grande peso na cidade. Tem uma obra administrativa. E ele mesmo costuma dizer que não tem uma obra política acabada. Talvez tenha sido o Cristovam Buarque, em uma de suas entrevistas ao JBr, quem explicou melhor o problema: o Roriz não articula a cidade com o País. Ele não tem um discurso e uma conduta política que potenciem a sua força local com uma visão nacional. Num momento deste, de grandes escolhas nacionais, o governador tende a perder parte da sua força e sua influência junto ao eleitorado. Tanto que viu-se que ele tentou uma aliança com

“Se Roriz se encaminhar com o seu partido para um apoio ao Brizola, nós conversaremos”

Fernando Henrique Cardoso e, tudo indica, que perdeu o lugar para o PTB, que aponta aqui em Brasília para a candidatura de Valmir Campelo. Certamente o governador vai procurar algum outro tipo de composição. Nós estamos aguardando que este quadro nacional do PP se defina.

É possível que o PDT faça aliança com o PP?

— É. Se o governador Joaquim Roriz se encaminhar com o seu partido para um apoio ao Brizola à Presidência, não temos dúvidas de que nós conversaremos, e já falamos que nós trabalharemos com o Roriz conjuntamente neste processo eleitoral. Mas veja: nós não estamos procurando o apoio do governador Joaquim Roriz para nossa eleição em Brasília. Estamos aguardando uma posição do quadro nacional.

Leonel Brizola e Joaquim Roriz já se encontraram para conversar sobre essa aliança?

— Ainda não, mas certamente vão conversar. Os grandes líderes nacionais têm conversado perma-

nentemente. Esta é a fase das composições. Nós não temos nenhuma intransigência. Temos determinação e firmeza.

O grupo do governador vai seguir unido nessas eleições?

— O governador Joaquim Roriz conhece bem seu campo político. Confesso que noto que Brasília começa a sofrer o impacto da questão nacional. E isto pode ter reflexos no grupo do Roriz.

O senhor saiu bem do governo. Mantém a amizade com o governador?

— Nós participamos do governo com a expectativa de cumprirmos uma missão, que seria a de aperfeiçoar o projeto político do Roriz aproximando-o mais junto aos setores progressistas e de centro-esquerda. E, rigorosamente, enquanto estive com ele, este projeto não se desenvolveu. Até que não tanto pelo governador, mas em função de uma coligação de assessores, de pessoas mais próximas, que sempre dificultaram muito este desenvolvimento do projeto político do governo rumo a uma posição mais à esquerda. Levamos o Dieese para dentro da Codeplan, com a pesquisa de emprego, que hoje é um marco no universo de trabalho da cidade. Levamos, no setor meio ambiente, uma visão mais avançada. Mas como não avançamos nosso projeto político, preferi me afastar. Enquanto estive com ele mereci toda a sua atenção. Creio que não tenha havido ressentimentos.

Creio que o Roriz perdeu uma oportunidade de ter avançado seu projeto político com a esquerda. E agora isto é tarde. Nunca fui alinhado politicamente a ele.

O que houve com o PDT em Brasília?

— A história do PDT regional é longa, mas um pouco tortuosa em função da dinâmica política que o partido teve nas mãos do senador Maurício Corrêa; muito controversa, muito tensa. E Maurício, pelo seu próprio caráter, desenvolveu um certo personalismo no partido. Isto fez com que o PDT não se organizasse em todo o DF de forma mais convincente. A militância foi subjugada, neste período, em nome de um certo personalismo. Quando o senador abandonou o Brizola, em benefício de outro projeto, isto provocou — naquele momento — um certo tumulto, porque o PDT não tinha desenvolvido lideranças com grande margem de aceitação. E ficamos nisto por algum tempo.

Sua candidatura vai reorganizar o partido em Brasília?

— Minha candidatura vem para recompor este peso político do trabalhismo na cidade. Brizola tem todo interesse misto porque chegamos a ter 13% dos votos na cidade. Temos uma expressiva participação dentro das propostas relativas ao desenvolvimento da cidade. E um conjunto de lideranças da melhor qualidade que serão nossos candi-

datos a deputados federal e distrital.

O PDT tem uma média de quantos eleitores em Brasília?

— Podemos tomar como referência a votação de Brizola em 89, que foram 75 mil votos. Isto confirma as expectativas que nós temos. É em cima desta fatia que vamos trabalhar, que não é muito menor que de outros partidos. O PT talvez tenha, até pela nossa incapacidade de apresentar um programa claro, corrido um pouco na frente. É uma situação inédita. O PT do DF tem a melhor situação no País inteiro. Isto se deve à incapacidade de outros partidos de esquerda. E também a uma certa falência do senador Maurício Corrêa em apresentar a verdadeira cara do PDT. Mas vamos recuperar isto, mostrando a cara do PDT.

Quantos candidatos devem disputar o GDF?

— Em torno de quatro ou cinco, todos eles com 15%. O processo aqui não é polarizado. Esses candidatos vão representar programas nacionais distintos. Este ano a campanha vai exigir muito do candidato na televisão. Tudo indica que teremos nós do PDT, o PT, o Valmir Campelo, que se articula como candidato do FHC e o governador Joaquim Roriz que não deve abrir mão de uma candidatura própria.

E como anda a conversa entre PDT e PMDB?

— Acho que o PMDB também deve apresentar candidato. Quanto às conversas, dependem da convenção do PMDB. Nossa campanha começou ontem com uma grande manifestação na sede do partido.

O Roriz e Brizola vão conseguir transferir voto para seu candidato?

— Toda transferência é muito difícil. Ela supõe uma grande afini-

“Há uma linguagem totalitária e sectária no PT e isto nos preocupa”

dade ideológica em primeiro lugar e uma grande maturidade no partido na condução do processo. Tudo indica que aqui em Brasília esta transferência será difícil.

O governador do Rio já fez as pazes com o senador Maurício Corrêa?

— No plano pessoal, acho que sim. Mas a traição do Maurício foi uma coisa muito forte, porque ele recebeu um apoio de companheiros trabalhistas históricos. Durante oito anos o Brizola teve plena confiança nele.



Paulo Timm diz que o PDT quer levar a sua candidatura até o fim, mas que apoia a Brizola pode criar aliança